

REFORÇAR E PRESTIGIAR O SEU SINDICATO — DEVER NELL NIVEL DO GRAFICO CONSCIENTE



O Trabalhador Gráfico

ORGÃO DO S.T.I.G. SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS GRÁFICAS DE S. PAULO

Sede Própria — Telefone: 3-1892
Redação: Rua da Figueira, 233

Registrado no D. I. P. conforme Of. SA — 1.842

SÃO PAULO (BRASIL), NOVEMBRO DE 1949
ANO XXVIII — NÚMERO 183

Comissões Técnicas e Protecção Analfabetismo

(Para «O Trabalhador Gráfico»)

ARRUDA CAMARGO

II — Conclusão

Governar é, antes de mais nada, servir o povo. Quanto mais o governo serve a nação, quanto mais benefícios lhe proporciona, mais está cumprindo com o seu dever, mais está governando.

Excesso de zelo, excesso de poder, excesso de fiscalização, não é governar.

A máquina administrativa do governo, para bem poder movimentar-se, necessita de plena liberdade, de amplos horizontes, de seguros e estáveis panoramas. Os partidos, porém, obstam a magna tarefa; obscurecem os horizontes, convulsionam os panoramas. Desta luta entre a nação e os partidos, desta pugna travada entre a coletividade e os diretores, nasce o freio, o breque que paralisa a marcha do progresso e empobrece a nação.

Os diretores que são o governo de fato, impõem condições ao governo nominal. Os funcionários, indicam os nomes para as comissões técnicas, apresentam os candidatos para as prefeituras, para as secretarias, para os ministérios. E o governo pedindo em todos os seus movimentos tem que ceder. Ou cede e atende os pedidos dos correligionários ou rompe com o partido e deixa o posto desonrado. Nada pois mais propenso e mais sujeito a erros do que esta medida adotada em nossa terra. Os interesses dos partidos estão acima dos interesses da nação. E daqui é que resulta a nomeação política para cargos técnicos, de indivíduos que desconhecem, que ignoram por completo as atribuições dos cargos para os quais foram nomeados.

Entregues a mãos inexperientes, os recursos da nação, são as rendas malbaratadas sem proveito algum, sem que da arrecadação feita resulte o menor benefício ao contribuinte.

Acrease ainda o número de funcionários que se tornam os maiores credores do Estado. Não temos controle o funcionalismo, contra os que laboriosamente percebem uns magros vencimentos para suprirem as necessidades mais prementes. Achamos, apenas, que as nomeações são em demasia. Nisto é que reside o grande mal. No acúmulo de funcionários, no superlotamento das repartições é que reside a maior causa do parco rendimento do fundo público. Um país, como o Brasil, onde a renda do Estado não é como se desejaria que fosse, não pode gastar todo o seu patrimônio com os próprios servidores.

Para satisfazer as necessidades dos funcionários que o servem, vê-se o governo do Brasil obrigado a negligenciar outros setores da sua administração. Deixa de lado o seu legítimo desiderato que é promover o bem da coletividade; relega o país ao olvido, ao esquecimento, ao abandono, pois as rendas da nação mal dão para saldar os compromissos com seus funcionários.

Assim, atendendo sempre as ordens dos partidos e obedecendo cegamente os homens da situação, vão os governos se tornando os responsáveis pelos desastros que são cometidos em todos os setores da nacionalidade. Todos os erros, todas as lacunas, todas as falhas, todo o desperdício, todas as desfalhas, são emanadas desta situação do governo ante os políticos.

Quando se cogitou do progresso industrial do país e as primeiras fábricas foram aparecendo, na debilitada dos nossos horizontes, entrou logo em ação o mais triste regionalismo, o mais supersticioso dos baronismos. E cada enseada, cada bala, quis ter seus canchãos e seus cães. Ora, como não temos capitais para tanta despesa, resultou que se gastaram em pura perda largas verbas orçamentárias para o fim único de fingir (o grilo é nosso)

que se tratava de melhoramentos, sem recursos para mais do que manter comissões técnicas dispendiosas e inúteis. Não quiseram ver os promotores, e por fraqueza capitularam os governos, que tais empreendimentos viriam a seu tempo e que antecipar era desperdício sem o menor proveito. Isto foi dito há vinte e dois anos e parece coisa de hoje, aplicada aos nossos dias. As escolas superiores do Brasil estão aporramando uma mocidade aquilata para os mais elevados cargos. Nelas se formam ótimos engenheiros, competentes agrônomos, complexos químicos, sociólogos, economistas. Professores eméritos ensinam os segredos da matemática, das reações, das combinações, dos planos inclinados, da geometria no espaço, da atômica, das equações mais profundas. O aproveitamento do solo, a zootécnica, a agropecuária, o conhecimento dos algoritmos, e dos valores, tudo é ensinado com esmero, com o cuidado e honesto fim de instruir a nossa juventude.

Os primeiros escalões destes jovens estão ali, esperando dos dirigentes da nação e do Estado as incumbências em que são especialistas. E estes jovens, (como os alunos da Faculdade de Filosofia de São Paulo, e que eram oito somente, os diplomados em 1946) permanecem à margem, não são chamados a cooperar porque não querem entrar para as filas dos afiliados, dos portadores de «cartuchos» e cartas de recomendação. Esta mocidade pre-

cisa para viver e prosperar, de largos e saudios horizontes, distanciado dos diretores aglutinadores de personalidades...

Basta já de nomeações bisonhas! O Brasil, mais do que outra qualquer nação, necessita promover a mobilização dos seus técnicos, dos seus especialistas!

Tudo em nossa terra está para ser feito!

A agricultura permanece primitiva; os nossos rios necessitam ser estudados; pontes e pontilhais devem ser levantados; corredeiras devem ser represas; mangues devem ser sanados; Estradas de ferro e rodagem devem ser abertas em todas as direções e rumos; as nossas fábricas reclamam com urgência técnicos em química e em física. As diretorias de Viação e Obras Públicas estão necessitadas de urbanistas, de construtores. A população doente do país, cerca de 70%, reclama cuidados médicos e estes, remédios de precisão e eficientes. Professores são necessários para bulir o cérebro de quinze milhões de analfabetos! Estes, alguns dos problemas mais urgentes da nossa pátria!

Oxalá os nossos governantes se compenetrarem destas verdades e os partidos, unidos sob a mesma bandeira de Ordem e Progresso, possam fornecer o clima de confiança reclamado por todos, para maior expansão dos nossos recursos econômicos e financeiros.

Todos que se dão ao trabalho de ler as publicações oficiais de estatística ficam entristecidos ao verificarem que ainda existem no Brasil mais de 60% de analfabetos. O aspecto alarmante da questão é que, anos após anos, governos após governos, não se consegue balizar os índices de iletrados no país.

O grande gênio que foi Rui Barbosa proclamou que aqueles que não frequentam escolas não aprenderam a ler e escrever nem aprender na rua, na taverna da esquina, na companhia dos mais ociosos e vagabundos, embusando-se de seus erros, abusos e tudo quanto propina a ignorância.

Se há festa que deve encher de alegria o coração dos brasileiros, é sem dúvida a da inauguração de uma escola, onde as crianças de hoje se tornam, pelo estudo e pelo saber, os homens válidos, conscienciosos e fortes do dia de amanhã, aptos para a conquista

dos seus direitos e das suas prerrogativas.

Ainda há dias, visitando escola em longínqua cidade do interior paulista, regida por jovem professora a nós ligada por laços de sangue, observamos que crianças tímidas e temerosas, sentadas com desconforto, sem material suficiente, algumas após labutarem com vigor, no trabalho rude da terra, fisicamente cansadas, procuram adquirir conhecimentos que as ajudaria a vencer as dificuldades da vida.

Se todos os pais assim fizessem, mandando os seus filhos à escola, teríamos elementos mais úteis à família, à sociedade e à pátria.

Infelizmente, existem pessoas que dizem: «Para que estudar? Conheço fulano e beltrano, que não sabem ler e escrever, sendo, entretanto, possuidores de muitos haveres».

Ignoram, os que assim pensam, que «nem só de pão vive o homem»...

Se fossem alfabetizados todos os brasileiros, eles poderiam, por si mesmos, desenvolver os próprios conhecimentos, lendo livros e jornais, trocando idéias, observando e raciocinando com o seu próprio cérebro, libertando-se da influência malsã dos políticos mentores que só visam a tirar proveito da ignorância alheia.

Trabalhadores! Mandai vossos filhos à escola. Frequentai, se esse for o caso, os cursos de alfabetização de adultos. Só poderemos gozar dos benefícios da democracia quando for esmagado esse peso morto de indivíduos incapazes, que nada significam civicamente, alheios que são aos destinos políticos da nação.

LUIS MARCONDES

A JUNTA GOVERNATIVA DO S.T.I.G. aos escribes de «A Hora»

Em data de 28 de março do corrente ano, retificando uma notícia inserta no «Diário da Noite» desta Capital, referente à Assembleia Geral Ordinária realizada na sede do STIG para leitura e aprovação do Balanço e Relatório correspondente ao exercício de 1948, a Junta Governativa dirigiu um convite à redação desse jornal ou outra qualquer entidade para que viessem examinar a documentação respectiva, franqueando para tal todos os livros da tesouraria e secretária do Sindicato.

Até o presente, porém, ninguém se apresentou a fim de solicitar quaisquer esclarecimentos a respeito. Eis que, sem atinar os quais as razões, o jornal «A Hora», especializado em manchetes berantes e noticiário escandaloso, em dias do mês de outubro passado, desandou por paus e por pedras contra os dirigentes desta entidade de classe. Com o pretexto de se tornar arauto da liberdade sindical o jornaleiro da rua dos Andradas, cujas colunas trespandam a neorrotéria, dirigiu pesando ataque aos componentes da Junta Governativa do STIG. Entre outras «amabilidades», chamou-os

de incapazes e inoperantes que nada fazem em benefício da corporação que representam.

Não satisfeitos esses jornalistas de canos de esgoto em surripriarem os magros níqueis da população, fornecendo-lhe pratos fortes diariamente através das reportagens de crimes misteriosos e ocurrencias de «bas-fonds», deram agora para dirimir ataques insultuosos à honestidade e integridade moral de pessoas a quem não conhecem e que estão muitos furos acima de tais escribes.

Suabam, senhores escrivinhadores de «A Hora»: vossos insultos não nos atingem visto termos a consciência limpa e para ganharmos o nosso pão de cada dia não precisamos recorrer aos meios usados pelos chantagistas ludibriadores da opinião pública. O nosso meio de vida devemos-lo apenas ao esforço de nossos braços e nosso cérebro. Dos nossos atos e das nossas atitudes temos que prestar contas apenas à corporação gráfica de São Paulo; jamais a «jornalistas» da estrutura moral dos que compõem a redação desse pasquim.

E é só.

Frases Historicadas

«Punhal de Brutus» significa pagar com a traição os benefícios recebidos. Marco Júnio Brutus, filho de uma irmã de Cássio, foi protegido por Júlio César, imperador romano, ao qual se atribuiu a paternidade de Brutus. Um amigo deste, Cassio, organizou uma conspiração para assassinar a César, em que Brutus não vacilou em entrar. Certo dia no Senado Romano, os conspiradores lançaram-se sobre o imperador para matá-lo. A princípio César tentou defender-se, mas ao ver Brutus com o punhal erguido, abandonou todo o intento de defesa, envolveu-se no seu manto para deixar-se matar, dizendo a Brutus:

— Até tu, meu filho!

E' BOM SABER

DA CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO

Art. 483 — O empregado poderá considerar rescindido o contrato e pleitear a devida indenização quando:

- a) forem exigidos serviços superiores às suas forças de seus por lei, contrários aos bons costumes, ou alheios ao contrato;
- b) — for tratado pelo empregador ou por seus superiores hierárquicos com rigor excessivo;
- c) — corre o perigo manifesto de mal considerável;
- d) — não cumprir o empregador as obrigações do contrato;
- e) praticar o empregador ou seus prepostos contra ele ou pessoas de

suas famílias, ato lesivo da honra e boa fama;

f) — o empregador ou seus prepostos desobedecerem o contrato em caso de legítima defesa, própria ou de outrem;

g) — o empregador reduzir o seu trabalho, sendo este por peça ou tarefa, de forma a afetar sensivelmente a importância dos salários.

h) — o empregado poderá suspender a prestação dos serviços ou rescindir o contrato, quando tiver de desempenhar obrigações legais, incompatíveis com a continuação do serviço;

i) — No caso de morte do empregador constituindo em empresa individual, é facultado ao empregado rescindir o contrato de trabalho.

A NOSSA IMPRENSA

O instrumento mais útil e eficaz dos trabalhadores é nosso jornal de classe, porque revela com fidelidade nossa situação econômica, social e cultural, assim como contribui para manter acesa as nossas aspirações reivindicatórias.

«Grandes imprensa da classe dominante deturpa perversamente o sentido de nossas manifestações; de nossos desejos de viver em uma sociedade mais justa e mais humana! E a imprensa subornada, dirigida por seus lacaios, lhe faz cópia estridente, contraindo assim para fomentar a confusão na mentalidade operária.

Os trabalhadores em geral e os gráficos em particular devemos compreender para sempre, que só os jornais autenticamente operários refletem nossos sentimentos, nossos anelos de superação material e cultural; que só os jornais realmente proletários defendem com lealdade nossos interesses, que são os interesses da maioria da humanidade explorada.

Sobre os gráficos recai uma grave responsabilidade na hora presente em que a sociedade atravessa seu período histórico de transformação.

E' preciso, pois, preparar-se! Capacitar-se! Ler os livros de nossa Biblioteca! Ler e difundir nosso jornal «O Trabalhador Gráfico».

JOAO SEM PAO.

ASSISTÊNCIA SOCIAL

DEPARTAMENTO BENEFICENTE DO SINDICATO DOS
TRABALHADORES NAS INDUSTRIAS GRAFICAS

MÉDICOS

DR. ANIZ SIMÃO

CLÍNICA GERAL
Consultas: das 15 às 19 horas. Aos
sábados: das 9 às 12 horas.
Rua Barão de Itapetatinga, 297 - 3.^o
and. - Tel.: Consultoria: 4-7314.
Residência: 7-2341

DR. JOSE SYLVIO DE CAMARGO

Conn. Rua Domingos de Morais, 1158
das 17 às 19 horas - Tel.: 7-5109
Residência: Rua Ilacranes, 69 -
das 10 às 21 horas

PARTEIRA

DR. LOILA A. PEDREIRO

Parteira Diplomada
Atende a qualquer hora do dia e da
noite - Aplica injeções intramusculares
e endovenosas (sem prescrição médica
no domicílio)
Avenida Celso Garcia, 3028
Telefone: 9-0122

DR. ALVARO MACHADO

Especialista em doenças auto-retais
Consultas: das 13 às 15 horas
Aos sábados: das 13 às 15 horas
Praça Ramos de Azevedo, 195 - 3.^o no
brejo - Telefone: Residência: 7-2633
Consultório: 4-4375

DR. IVO DEFINE FRASCA

Doenças das ossas - Fraturas,
luxações, etc.
Consultas: Instituto Paulista
das 15 às 18 horas
Av. Paulista, 1840 - Telefone: 7-0015

DR. ZID ALBUQUERQUE

Pele - Sifilis - Tumores
Consultas: das 16,30 às 18 horas
(exceto aos sábados)
Rua P. José de Barros, 168
Telefone: 4-5541

DENTISTA

DR. OSCAR C. FORNARI

2as., 3as. e 4as. feiras das 18 às 22
horas
4a. e sábados das 14 às 17 horas
2a., 4a. e 6a. feiras para as famí-
lias dos associados.
Sa., Sa. e sábados, só para associados

RADIOLOGISTA

Radiografias dentárias - Radiogra-
fia a domicílio

DR. DANTE MARTINELLI

Praça da República, 61 - 5.^o andar
(Edifício Maria Cristina)
Telefone: 6-5717
Residência: Tel.: 6-0518

DR. LUIZ MIGLIANO

Exames de Sangue, Fec., Bili.,
Urina, etc.
Consultas: das 8 às 18 horas
Rua José Bonifácio, 73 - sobrado
(Equinina de Quintino Bocayuva)
- Telefone: 6-0125
LABORATÓRIO DE ANÁLISES

DR. F. PRATA MENDES

Consultas: das 8 às 11 e das
14 às 18 horas
Rua Senador Felício, 131 - 5.^o andar
Telefone: 2-4095

HOSPITAIS

HOSPITAL E MATERINIDADE
DE STA. MARIA - DA
CRUZ AZUL DE S. PAULO
Avenida Lins de Vasconcelos, 356
Telefone: 6-0371

CASA DE SAÚDE

SANTA RITA

Rua Cabatê, 1190
Telefone: 6-6041

BENEFICENCIA

PORTUGUESA

Rua Brigadeiro Tobias, 343

FUNDAÇÃO ANTONIO E

HELENA ZERRENNER

Rua São Joaquim, 36

EXPEDIENTE DO SINDICATO

Das 8 às 11, das 13 às 18 e das 19 às 22 horas.

Aos sábados até às 18 horas.

E AS ELEIÇÕES SINDICAIS?

O pannelo da politica nacional está em plena efervescência. Os principais partidos politicos do pais arregimentam suas forças para a luta que deverá ser travada em fins de 1950 pela conquista do Catete. Diariamente os jornais enchem colunas e colunas com entrevistas das figuras em evidencia no cenário politico, todas elas abordando o mesmo tema: a sucessão. Palpites e mais palpites são dados através do rádio e da imprensa acerca do possível futuro ocupante da poltrona reservada ao primeiro magistrado da nação. Os nome de Nereu, Adhemar, Eduardo Gomes, e até do próprio Getúlio saem em letra de forma nos grandes e pequenos periódicos de nossa terra apontados como candidatos à curul presidencial. De norte a sul, de leste a oeste as atenções dos políticos profissionais estão voltadas para um só objetivo: ver quem chegar primeiro nessa corrida doida rumo ao almejado posto de presidente de todos os brasileiros.

Falta ainda mais de um ano para ser ferido o grande pleito, mas a lufalufa da politica já é o que estamos vendo. Senhores e deputados noutro coisa não pensam senão em cada qual puxar a brasa para a sua sardinha. Aliás, outra não tem sido a preocupação desses cavalheiros desde o dia em que foi reimplantada a chamada democracia em nosso torrão natal. Os interesses do povo, os problemas que afligem aos brasileiros foram relegados ao mais completo esquecimento. O custo de vida tem-se elevado astronômicamente nestes últimos anos, sem que os representantes eleitos pelo povo tivessem um gesto que os tornassem dignos do mandato que esse mesmo povo a três anos lhes conferiu. A miséria das massas trabalhadoras agrava-se dia por dia, sob o olhar indiferente dos responsáveis pelos destinos dos habitantes da terra de Santa Cruz.

Esse é o triste panorama que se apresenta aos olhos do observador menos arguto, sem perspectivas de mudança para melhor. Dum lado a politica desenfreada e ambiciosa e do outro o povo aquecido sob o peso da exploração iníqua e desalmada dos tubarões sem entrâncias, impossibilitado de qualquer gesto de defesa, pela coação ministerial exercida sobre os sindicatos operários.

Trinta meses já decorreram desde o dia em que o Sr. Morvan Figueiredo, ex-titular da Pasta do Trabalho, fazendo caso omisso da letra da nossa Carta Magna decretou a intervenção na maioria das organizações sindicais do país destituindo sumariamente as diretorias legitimamente eleitas e nomeando em seu lugar Juntas Governativas. Nos sindicatos que não sofreram o rude golpe intervencionista a situação é idêntica, pois que as suas diretorias permanecem há vários anos à frente dos mesmos, proibidas como estão de promoverem as eleições sindicais de acordo com a legislação trabalhista em vigor.

Dessa forma a vida sindical no Brasil, entrou em tremendo colapso a partir do mês de maio de 1947. Essa situação de asfixia em que se debatem os trabalhadores brasileiros não se justifica, pois que a própria Constituição nos garante o direito de livre associação e liberdade de reunião. É simplesmente aberrante a constatação de que acima disso, em pleno regime democrático cuja reimplantação em nossa terra foi grandemente comemorada a 29 de outubro passado. Verificamos ao analisar tais fatos que a nossa democracia é uma democracia sui-generis onde os direitos dos trabalhadores e as garantias constitucionais são relegados a um plano inferior.

Em sua última visita à capital paulista o atual ministro do tra-

balho Prof. Honório Monteiro, em declarações feitas à imprensa afirmou haver escolhido uma comissão encarregada de elaborar o novo Código de Trabalho. A respeito de eleições sindicais nem uma referência sequer fez o sr. ministro. Ora, o problema número um ou seja, o retorno à vida legal das organizações trabalhistas continua sendo esquecido pelo atual titular do Ministério do Trabalho, como já o fora pelo seu antecessor, de «saudosas» memória. De nada adiantará a elaboração de um novo Código de Trabalho enquanto os trabalhadores não tiverem meios de usufruir seus prováveis benefícios, tolhidos como estão de todo e qualquer movimento pelas amarras ministerialistas.

Se é certo que muitos dos atuais interventores dos sindicatos estão satisfeitos com a presente situação pois que dela tiram boas conquistas não é menos exato que alguns Juntas Governativas que constituem raras e não menos honrosas exceções sentem-se cansadas e desejosas de deixar o posto para o qual não foram eleitos pelos associados dos respectivos sindicatos, mas sim impostas

pelo decreto inconstitucional de 7 de maio de 1947.

Os elementos que compõem tais Juntas, embora a contragosto permanecem à frente dos sindicatos suportando por vezes campanhas injuriosas de certos companheiros mal avisados, com o evidente intuito de evitar males maiores à organização, o que fatalmente se daria em caso de uma demissão irrevogável apresentada pelos atuais interventores.

Torna-se imprevisível portanto acabar com essa situação que parece querer eternizar-se devolvendo aos associados dos sindicatos operários a faculdade de escolher livremente os dirigentes de suas organizações de classe. Essa a tarefa primordial a ser executada pelo ilustre professor de Direito que responde pela Pasta do Trabalho. A liberdade sindical é garantida pela nossa Carta Magna, e restituindo esse direito aos trabalhadores, o Sr. Honório Monteiro nada mais fará do que dignificar o seu mandato respondendo à Constituição solenemente promulgada a 18 de setembro de 1946.

PEDRO VIADERO



«O homem não pode considerar-se feliz antes da morte.» (Solon)

(Para «O Trabalhador Gráfico»)

É uma verdade patente, um belíssimo aforismo. O Mundo é abismo que abisma ao mortal, fá-lo descrente.

Tudo é difícil, tão caro! Tudo a peso de dinheiro! O sério hoje é caloteiro, homem probo hoje é raro.

Fugiu a bonraze da Terra, saiu tristonha, discreta: «É melhor pegar a reta», esta pobreza me aterra!

Inventou-se mil ardis para «embrulhar» os credores. Estes passam dissabores; ninguém se julga feliz.

Aplicamos o ditado: «Ladrão que rouba ladrão tem 100 anos de perdão!» E, embora certo ou errado,

O Mundo ensina a viver. O mortal é sempre aluno, e se nunca foi gatufo, tem bem vontade de o ser.

J. M. A.

ANIVERSARIOS

— Festejamos mais um aniversário natalício no dia 7 de outubro findo, a

sra. Júlia Cortez Del Nero, esposa do companheiro Francisco Del Nero.

— Transcorreu no dia 12 do mês de outubro último, o aniversário do companheiro Wilson Bocatto.

— Transcorreu no dia 22 de outubro p. passado, o aniversário da sra. Matilde de Brano Borjica, esposa do companheiro Américo Borjica.

— A 13 do corrente festejou mais um aniversário o companheiro Antônio Martinez, da corporação da Papeliaria Borges.

— Fez anos, no dia 14 do corrente, a sra. Lucinda P. Fernandes, esposa do companheiro Adolfo Fernandes, diretor do Departamento Beneficente do STIG.

— Festejara o seu aniversário natalício, no dia 29 do corrente, o companheiro José Saturnino Bonel.

— Transcorreu no dia 4 de dezembro o aniversário natalício do dr. Oscar Fornari, cirurgião-dentista do STIG.

— Festejara mais um aniversário natalício, no dia 10 de dezembro, a sra. Mercedes Silva da Conceição, esposa do companheiro João Bastista Xavier da Conceição.

— A 25 de dezembro próximo festejara o seu aniversário natalício o companheiro Rafael Longo.

— Aos aniversariantes, as felicitações d'O Trabalhador Gráfico.

CASAMENTO

Realiza-se no dia 3 de dezembro próximo, nesta Capital, o enlace matrimonial da senhorita Maria Domingos Lopes, filha do sr. Antônio Domingos Lopes e filha do sr. Manoel Domingos Mateus e da sra. Carmen Lopes, com o sr. Rafael Galves, filho do sr. Joaquim Galves e da sra. Maria Gargallo.

— Aos noivos, antecipadamente, os nossos votos de felicidades.

A vista cansada

Conquanto possa ocorrer antes, é com maior frequência depois dos quarenta anos que começa para o homem o fenômeno geralmente conhecido com o nome de «vista cansada», traduzindo-se pela dificuldade de ver com nitidez acostumada e na distância habitual. A leitura, principalmente de tipos pequenos e em condições de luz menos favoráveis, torna-se cada vez mais difícil, pensa até, chegando a um ponto em que se faz de todo impossível. O «hipermétrope» — que significa muito simplesmente a pessoa com a vista cansada pela idade — vai alastrando cada vez mais dos olhos o livro e o jornal, chegando a um ponto em que os põe tão longe que praticamente nada mais percebe.

Essa fase, que é um processo em regra inevitável, um verdadeiro tributo orgânico pago à idade madura, processa-se mais cedo ou mais tarde, conforme as pessoas, mas normalmente se processa. Muita gente, porém, por negligência ou por vaidade, vai adiando o mais possível o uso dos óculos

sem imaginar que esse adiamento não resolve a situação, apenas consequentemente agravando-a. Substâncias afetadas pela «vista cansada» que salvo os casos em que tenham outros defeitos de visão, como astigmatismo, etc., não é indispensável, nem mesmo necessário usar óculos constantemente. Basta pô-los para as atividades que exijam visão nítida a pequena distância, o que ocorre durante algumas horas por dia apenas.

No restante o hipermétrope pode viver sua vida habitual sem trazer os «óculos para «vista cansada».

Para usá-los constantemente é preciso, então, usar bifocais, cuja parte superior permite ver bem longe e cuja parte inferior facilita a visão nítida de pouco alcance.

Em qualquer caso nunca se deve deixar de consultar um oculista, pois não raro a «vista cansada» vem acompanhada de outras deficiências de visão, que também precisam ser corrigidas.

(Para "O Trabalhador Gráfico")

médico

e são educados neste preconceito de que um contato mais íntimo com o operário constitui uma espécie de falcatruada de moral e, portanto, de falta de salubridade. Mantém logo, envolvidos em um desprezo inconsciente, os educadores que não gozam da mesma linha de educação? Para justificar essa infelicidade de atitude, podem alegar as diferenças de educação, de cultura, de formação, de educação, de instrução, de temperamento, que impedem afinidades e dificultam os encontros. São não pode ser invocado o argumento de que os educadores não são tão enraizados que vamos encontrá-los às vezes em educadores e mesmo religiosos, que, dedicando-se ao ensino e à educação da aristocracia, chegam a incorporar as ideias e a mentalidade da classe e colaboram, talvez sem o querer, para incutir ainda mais profundamente um lamentável complexo de superioridade social. Este complexo, que se manifesta nas conveniências, das tradições e mesmo das preceitos da moral e da religião. A palavra "Sociedade", por exemplo, na linguagem comum, representa o grupo social da aristocracia — uma moça da sociedade, seria "uma moça da aristocracia", como se os operários não fizessem parte da Sociedade. Da mesma maneira, se se diz "filho de um operário", para designar os filhos de ricos, como se a palavra "família" fosse reservada aos que possuem mais dinheiro. O vício da embriaguez, quando tratado com a palavra "vício", é muito mais elegante; e quando um moço da "alta sociedade" rola nos tapetes de um "boite", só pelo fato de ser o amante de uma mulher de alta sociedade, parece mudar de natureza!

nação de classes. O operário, em geral, não faz de moral elevada e de fina educação, a sua alma é simples e boa. Apenas a maneira de traduzir seus sentimentos é diferente dos modos aristocráticos e isto porque os costumes variam de acordo com muitos fatores locais ou com o país. O pobre, porém, não é mais desprovido de maneiras que a técnica das conversas de salão impõe à sociedade polida, vai diretamente a seu fim. O operário não se especializa na arte de disfarçar os verdadeiros sentimentos. E por isto, apesar de não ser refinado, não é também sem polimento, sua linguagem é franca. Sua amizade é forte. Não a entrega na primeira hora, mas uma vez

As palavras de Platão, um dos maiores pensadores de todos os tempos, dominam a sociedade moderna: "quando numa sociedade não existirem pobreza nem riqueza, é natural que nela reinem os mais nobres costumes, porque aí não podem existir nem arrogância, nem injustiça, nem inveja, nem rivalidades. Os homens têm que ser necessariamente bons, graças à simplicidade de suas condições de vida".

P. V.

Tendo a Caixa Econômica Federal feito a entrega das cadernetas doadas pelo Ministério do Trabalho aos filhos dos gráficos sindicalizados, são convidados os interessados, constantes das relações publicadas em o nosso último número, a virem retirá-las, na sede social, todos os dias úteis, das 8 às 11, das 13 às 18 e das 20 às 22 horas.

HOMENS:

Tendo a Caixa Econômica Federal feito a entrega das cader-netas doadas pelo Ministério do Trabalho aos filhos dos gráficos sindicalizados, são convidados os interessados a comparecerem às rela-tivas publicações em o nosso últi-mo número, a virem retrá-las, na sede social, todos os dias úteis, das 8 às 11, das 13 às 18 e das 20 às 22 horas.

A SECRETARIA não atenderá aos associados que não estiverem em dia com suas mensalidades.

COMPANHIEIROS ESPORTISTAS! INSCREVEI-VOI NA A. G. E.

A NOVA LEI DE FERIAS

Pelo sr. Presidente da República foi sancionada a seguinte lei:
LEI N. 816 — DE 9 DE SETEMBRO DE 1949. — Da nova redação nos artigos 132 e 134 do Decreto-lei n. 5.452, de 1.º de maio de 1943.

O Presidente da República: Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sancionei a seguinte Lei:

Art. 1.º — Os artigos 132 e 134 do Decreto-lei n. 5.452, de 1.º de maio de 1943, passam a ter esta redação:

«Art. 132. Os empregados terão direito a férias, depois de cada período de doze meses, a que alude o artigo 130, na seguinte proporção:

a) vinte dias úteis, aos que tiverem ficado à disposição do empregador durante os doze meses e não tenham dado mais de seis faltas ao serviço, justificadas ou não, nesse período;

b) quinze dias úteis, aos que

tiverem ficado à disposição do empregador durante os doze meses;

c) onze dias úteis, aos que tiverem ficado à disposição do empregador por mais de doze meses;

d) sete dias úteis, aos que tiverem ficado à disposição do empregador menos de doze meses e mais de cento e cinquenta dias.

Parágrafo único. E' vedado descontar, no período de férias, as faltas ao serviço do empregado.»

«Art. 134.

a)

b)

c)

d) o tempo de suspensão por motivo de inquérito administrativo, quando o mesmo for julgado improcedente;

e) a ausência na hipótese do artigo 473 e seus parágrafos;

f) os dias em que, por conven-

iência da empresa, não tenha havido trabalho, excetuando a hipótese da alínea c, do artigo 133».

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1949; 128.º da Independência e 61.º da República.

EURIQO G. DUTRA
Honório Monteiro

NOTA DA REDAÇÃO:

A presente lei, como é hábito, nada dispõe quanto à sua entrada em vigor. Não traz em seu bojo a conhecida frase: «Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação».

Logo, devemos nos socorrer da «Lei de Introdução do Código Civil Brasileiro» — decreto-lei n. 4.657, de 4 de Setembro de 1942.

Dispõe o art. 1.º desse diploma legal:

«Salvo disposição contrária, a lei começa a vigorar em todo o país 45 dias depois de oficialmente publicada».

Assim, havendo esta sido publicada a 17 de Setembro entrará em vigor a 1.º de Novembro, isto é, 45 dias depois de oficialmente publicada.

Bilhete aos companheiros dos Diários Associados

Obedientes e submissas, sob os dedos agéis do bom Rodolfo, velho e leal funcionário do STIG, as teclas da Underwood vão transmitindo ao papel estas palavras, que por força das circunstâncias, seu forçado a ditar, hábito que me foi imposto pela enfermidade visual que venho padecendo há muitos meses. Endereçando-vos este bilhete, caros colegas, não faço com intuíto exibicionista ou bajulatório, pois vocês bem sabem que isso não é do meu feitio. Faço-o tão somente obedecendo aos ditames da minha consciência e guiado por um sentimento que cada dia vai se tornando mais raro entre os homens: a gratidão.

Afastado das lides cotidianas vai para mais de um ano, condenado a uma inércia forçada e acarrunhada, nem por um momento sequer me faltaram vossa tificante apoio moral e vossa valiosa cooperação econômica que muito e muito contribuíram para que eu pudesse enfrentar sem temores esta fase amarga da minha existência.

Resultaria infrutífera qualquer tentativa de minha parte para descrever o que foram esses longos meses de inatividade, cujos dias decorreram terrivelmente vagarosos, e suas noites de insônia intermináveis como a miséria do povo, com a imaginação a trabalhar desordenadamente e pensamentos os mais absurdos ricocheteando dentro do meu cérebro extenuado e dolorido. Essa tarefa caberia à pena brilhante de um Stefan Zweig,

cujos desaparecimento prematuro privou a humanidade de um de seus maiores pensadores.

Tenho, pois, que limitar-me a dizer-vos, meus bons camaradas que a solidariedade espontânea e ininterrupta que vocês me vêm prestando, contribuiu poderosamente para o enrijamento da minha vontade de vencer e de transportar felizmente esta curva perigosa que deparei no meu caminho. Com esse gesto, revelador do mais puro e leal companheirismo, vocês conseguiram tornar menos amarga a situação que ora atravesso.

Externando-vos publicamente o meu reconhecimento, formulo os mais veementes votos de que esta magnífica demonstração de consciência proletária e de unidade de pensamentos, seja imitada em toda ocasião e em qualquer setor que nos estiver reservado na luta intermitente pela conquista dos nossos direitos e das nossas legítimas reivindicações.

Nutro as mais vivas esperanças de estar muito em breve compartilhando convosco da labuta diária, reintegrado ao convívio da corporação, da qual tenho recebido sobejas provas da mais estreita camaradagem. Aguardando ansiosamente a concretização desse meu desejo, aspiro tão somente continuar sendo digno da vossa amizade e consideração, através da minha atuação nas fileiras dos que defendem nosso invicto baluarte: O Sindicato.

PEDRO VIADERO

A BANDALHEIRA DO CAFE'

O café é um produto eminentemente brasileiro. Existe em outras nações, em porção pequena. O mercado mundial do café depende da produção nacional, essa que, saindo dos cafezais de São Paulo e norte do Paraná, se espalha pelos portos do universo. Acontece, entretanto, que, para mal nosso, nos encontramos na chamada «área do dólar». Somos obrigados a fazer comércio por intermédio dos Estados Unidos e a seguir-lhes as oscilações cambiais. No caso do café bastou uma notícia, talvez prematida e falsa, de uma pequena safra dos cafezais brasileiros, chegada a Nova York, para que uma onda de altismo invadisse a bolsa daquele país, num descabimento alarmante! Os preços da Bolsa se fazem, muitas vezes, por golpes telegráficos. E o destino de um povo se vê à mercê desses malabaristas de preços, que enriquecem e caem na miséria, da noite para o dia. Meros jogadores. O incrível, porém, é que o curso de alta no preço do café, em Nova York, foi ditado por notícias idas do Brasil, a respeito de restrições nas suas safras porvindouras.

Os norte-americanos conhecem perfeitamente o clima de chalaça, de bombaxatas, de negociações e de artificia-

lismo econômico e financeiro do Brasil. E se aproveitam disso, com maiores vantagens, porque são eles os tutores da nossa balança comercial e os «donos do nosso futuro». E o incrível está, justamente, em que, subindo os preços por notícias idas do Brasil, o povo brasileiro se veja na contingência de não poder mais tomar café, dada a corrida de preços da bolsa de Nova York! Não é possível que o mercado interno se encontre à mercê dessas especulações antipatrióticas e lamentáveis, chegando mesmo à indigência, quando os nossos «bons vizinhos» já se preparam para tomar um sorvete do café, destrambelhando, portanto, a produção brasileira. Pelo menos, desmoralizando-a, como já fizeram com a borracha.

Falta-se numa ameaça de subida do preço do café para mais de vinte cruzeiros o quilo, o que é perfeitamente absurdo e revoltante. Os torreadores brasileiros, que recebem o grão de São Paulo, querem lucrar a mesma coisa que os torreadores ingleses, que o recebem depois de mil peripécias alfandegárias! Temos um exemplo frisante nessa questão de defesa do povo, contra as especulações do mercado estrangeiro. Foi o caso dos variados números de marcas de cigarros, que apareceram justamente para evitar que a Alemanha caísse na mais negra miséria, conforme estamos ameaçados no momento. O café por esse preço é um insulto ao povo brasileiro, pois calaremos no contrassenso de produzir café e não poder tomá-lo! A Comissão Central de Preços é um aglomerado de incapazes e insinceros, que deveriam abrir aos olhos do Governo, o abc de toda essa bandalheira, pondo-o ao corrente da situação. A não ser que o Governo seja tão cego, que mesmo com esse sol debaixo dos olhos, ainda precise de bengala branca...

(Transcrito de «O Radical» do Rio de Janeiro, 17-11-1949).

Ou o Brasil mata a saúva...

PEDRO MOREIRA

(Para «O Trabalhador Gráfico»)

E' demasiadamente conhecida a história daquela formiguinha que não podia carregar sozinho um pequeno pedaço de folha, e que inutilmente, talvez no seu egoísmo de formiga, empregando um esforço desmesurado, tentava levar.

Todos os meios por ela empregados foram em vão e somente após confabular com algumas companheiras, teve o seu intento realizado, conseguindo quase sem trabalho, transportar para o formigueiro aquilo que desejava.

A moral da questão «A união faz a força» foi imaginada, e muito bem, pois a primeira parte foi vencida.

A união faz a força e o transporte foi feito sem dificuldade, mas depois

tudo foi escuridão para o moralista povo de acordo com o que nos vem à luz atualmente, lá no formigueiro houve um surruio dos diabos. Para o moralista, o homem que observou a primeira parte dos trabalhos, tudo foi flores e ele ficou satisfeito com a serenidade e espírito de colaboração das outras. Pela conversação que tiveram não poderia haver dúvidas quanto a um feliz epílogo.

Acontece, porém, que a primeira formiguinha, julgando-se mais esperta do que as outras, desceu tirar partido da situação, em virtude da alta posição social ocupada pelo seu marido no formigueiro e ainda pela truculência do mesmo, o qual era respeitado e temido ao mesmo tempo.

Quando chegaram perto de sua casa, a primeira formiguinha começou a falar alto e a gritar, fazendo tudo para

que o seu marido a escutasse e intervisse na questão. Falou e gritou a vontade do corpo, mas o marido continuou mudo. Por vezes perdeu a esperança e quis brigar. Porém faltava-lhe coragem para tanto e além de tudo não tinha muita certeza se o marido a auxiliaria na contenda, pois a diferença toda estava no número de adversárias a enfrentar. Eram duas contra ela só.

Por vezes, o marido quis acabar com a discussão, mas por fim refletiu e continuava mudo.

Optando pela uma ideia má, a formiguinha tentou entrar em negociações com as outras, mas não obteve resultado algum, porquanto estas últimas mantinham-se irredutíveis na igualdade de condições e por causa alguma cederiam um milímetro que fosse, daquilo que tinham adquirido por direito.

A formiguinha primeira, causadora direta do impasse, continuou tentando ludibriar as outras, sempre com novos ardis, sempre baseando-se no possível apoio do marido, apresentando algumas vantagens futuras, tais como almoços em sua casa, tendo como principal prato aquela verde folhinha que ali estava. As outras não mudavam de opinião, continuando firmes nos seus propósitos de divisão equitativa.

O que aconteceu com o marido da formiguinha?

Por que é que não terá interferido na questão de sua esposa, quando esta, procura por todos os meios aumentar as reservas alimentares de sua casa, tendo em vista o inverno que está para chegar e que segundo o serviço meteorológico anuncia, mais rigoroso de todos os males que já tivemos?

Daqui por diante, somente hipóteses.

Talvez, (arriscando erro) o marido tenha desgostado de sua cara-metade e sem que ela soubesse, tratou de arrumar um grande palacete juntamente com suas amigas, só esperando que ela comesse a briga para romper em definitivo?

Talvez... quem poderá decifrar o que está para vir, a não ser o formigão, o trucedo e respeitado senhor do formigueiro?

NOTA: Qualquer semelhança entre pessoas vivas ou mortas é mera coincidência, assim como não pretendo ferir qualquer acordo existente, que exista, como seja o franscado Acordo Inter-partidário ou «BIG-THREE».

O TRABALHADOR GRÁFICO

Boletim mensal do Sindicato dos Trabalhadores Gráficos Industriais do Brasil, registrado sob nº 1.824

Redação: — RUA DA FIGUEIRA, 233

Telefone: 2-1192

A direção do O TRABALHADOR GRÁFICO não se responsabiliza pelas opiniões emitidas pelos colaboradores, que têm ampla liberdade, em seus artigos assinados.

Toda colaboração deverá ser enviada à redação e devidamente assinada, mesmo que seja pedida a publicação sob pseudônimo.

Tendo já um grande número de colaboradores efetivos, O TRABALHADOR GRÁFICO só publica trabalhos de outros autores, quando solicitados pela redação.

Demonstração do Livro Caixa do mês de Outubro de 1949

RECEBIMENTOS			
Renda Social			
Mensalidades	23.320,00		
Carteiras Sociais	250,00		
Outras rendas	6.279,00	29.849,00	
Renda Extraordinária			
Eventuais	861,00		
Recebido quota I.A.P.C., dos funcionários	430,00		
Total das rendas		31.140,00	
Depósitos			
Depósito Bancário (Saque) Retirado do Banco do Brasil S. A.	30.000,00		
	61.140,00		
Saldo anterior (de Setembro)	11.620,50		
Total geral		72.760,50	

PAGAMENTOS			
Administração geral			
Diretoria	4.000,00		
Funcionários	6.600,00		
Serviços	2.134,10		
Edifício — Conservação	7.031,40		
Diversas despesas	502,30	20.267,80	
Assistência Social			
Assistência médica	19.160,00		
» hospitalar	9.444,70		
» dentária	3.414,00		
» judiciária	3.500,00	35.518,70	
Total do custeio		55.786,50	
Aplicação de capitais			
Biblioteca	60,00		
Total	55.846,50		
Saldo que passa para Novembro	16.914,00		
Total geral		72.760,50	

São Paulo, 18 de Novembro de 1949

Germano P. O. Bothmann
Presidente

Cunha Lima S. A.
Diretor: **Odilon Cunha Lima**
Reg. n. 5069

Francisco Marcondes
Tesorreiro